

Resenha do livro

O diabo e suas máscaras: a tríade infernal do desejo

Pricila Pesqueira de Souza

O livro *O diabo e suas máscaras: a tríade infernal do desejo* é um primor.

As perguntas da apresentação do texto são: Qual é o paradoxo do desejo? Por que o desejo sempre foi relacionado com o demoníaco? E a que serviu e serve a figura do diabo aos sujeitos?

Sobre o desejo, Andréa inicia com a música de Seu Jorge: peço ou não peço? Que eu sempre ouvi: peço ou não peço? Relembra-nos que o desejo é indestrutível, edipiano, inconsciente, excêntrico à satisfação, e por que não pecador ou pegador? Já que pecado em grego é falta. A autora também nos diz que o desejo é a verdade do inconsciente. Retoma o sonho inaugural de Freud, “A injeção de Irma”, o sonho da “Bela Açougueira”, e reafirma a posição de Freud e de Lacan: o Édipo é o cerne do desejo. Sendo o desejo edipiano indestrutível e ao mesmo tempo irrealizável, Andréa pergunta: Será que nos desenlaçaremos dele algum dia? De sua perpétua irrealização? No início do livro, então, o diabo é uma representação do inconsciente.

Retomando “Uma neurose demoníaca do século XVII”, a autora conclui: o diabo é uma representação do pai. Com Fausto, nos diz: o diabo também é uma representação do estrangeiro. Em suas palavras: “(...) o mágico, o ocultista, o errante, o que não se encaixa nos ideais da cultura e que, por isso, transmite uma face horrenda” (Brunetto, 2023, p. 78).

Se estamos falando de desejo, falamos de castração. Andréa afirma que o diabo também pode ser um nome da castração. Ela nos diz uma coisa muito bonita: no comentário da frase de Lacan, em que ele afirma que sua voz é fraca para sustentar o discurso analítico (RSI), a autora diz: “melhor assim, pois uma voz forte pode calar as outras” (Brunetto, 2023, p. 60). E ainda: “a voz baixa faz barreira ao sucesso. E a psicanálise tem mais relação com a perda do que com o sucesso. Aliás, é assim que Lacan começa seu seminário 22, RSI: ‘Se o discurso analítico funciona é porque perdemos alguma coisa em outra parte’” (Brunetto, 2023, p. 64).

Com Cazotte, Andréa afirma que o diabo também pode representar a mulher, lugar do Outro gozo. Ainda no capítulo 4, nos diz:

E a pulsão escópica que coloca a beleza no objeto desejado. E, depois, ao ser desvelado o objeto, aparece o horror. É por isso, por enxergar a crueza do objeto, desmascarado da pulsão, que Mefistófoles pode dizer: não vejo nada de beleza nessa Helena que é tão venerada. Desmascarada, desvestida do desejo e do amor, não sobra muita coisa. (Brunetto, 2023, p. 93)

De todas as referências literárias que Andréa utiliza em seu livro, destaco a primorosa análise do Inferno de Dante. Ensina que Virgílio é o *daímôn* de Dante, esse ser intermediário entre os deuses e os homens. Freud também usa o termo *daímôn* para falar da transferência. *Daímôn* e Tique: destino e sorte.

Gostaria de destacar um trecho muito interessante da análise da autora:

Que Caronte, o que provoca o apagamento da memória, seja filho da Noite e das Trevas, que, por sua vez, são filhos do Caos, o pai de todos, e que Caronte tenha como irmãos a morte, a desgraça, o destino, dentre outros, já mostra como Hesíodo colocou o vazio do ser frente ao Outro. (Brunetto, 2023, p. 109)

Abordando a tendência humana em crer, em uma nota de rodapé belíssima, Andréa faz um paralelo entre Rilke e Romain Rolland. Segundo suas palavras:

Por que o primeiro fica na ignorância e o segundo pode saber da verdade? A esse amor pela crença, com todo negacionismo pela ciência, podemos chamar, com Lacan, de “paixão pela ignorância”. Ignorância do real, da castração, da morte, do desencontro amoroso, de tudo que torna a vida difícil de ser vivida. (Brunetto, 2023, p. 113)

Andréa continua adiante: “um sujeito pode nunca querer enxergar o real e viver trocando de quimeras (...) o vírus que não morre, segundo Freud, é essa crença humana no miraculoso” (Brunetto, 2023, p. 113).

Tomando como exemplo Florentino Ariza, de Gabriel García Márquez, afirma: o amor eterno é um inferno. Ela nos diz:

E o ódio dele por ter sido deixado cair? Um objeto *a* é um resto, desaparecido o brilho, não é mais do que uma ruína. Ele se transformou em uma ruína entre tantas nessa cidade carcomida pelo tempo. Vingou-se dela em tantas outras que passaram pela sua cama, pela sua vida, mas não pelo seu coração. A condição de objeto, refugio, em que Fermina o transformou, ele compartilhou com todas, usáveis e descartáveis (...) a cada um o seu inferno. Porque há para todos. (Brunetto, 2023, p. 124)

Diante do mito de Orfeu e da expressão Orfeu analista, já que ele “(...) testemunha a perda reiterada do objeto perdido e reencontrado. E perdido e reencontrado novamente” (Brunetto, 2023, p. 130), Andréa nos dá mais uma definição do diabo: o não ser, o caos, o que desfaz os laços simbólicos e apaga a memória.

Sobre o *Seminário 6* (Lacan, 1959/2016), cujo tema, como sabemos, é o desejo, nos diz: não há outra maneira de apreender o real senão pela fantasia. Que o sujeito possa ir além dessa janela, não sendo mais persuadido por sua fantasia, é o que se espera de uma análise. Nessa esteira, encerra o capítulo 7: o diabo é uma fantasia, um véu que esconde o senhor absoluto que é a morte.

Aborda também o paradoxo do desejo: “pois, embora seja sobre o desejo que desliza na cadeia significante, que pede para ser interpretado, é sobre um desejo que tem sua marca de ignorância absoluta, que é exilado, evanescente e que, no final, aponta para o *me funai*” (Brunetto, 2023, p. 146). Mais à frente do texto, Andréa nos diz: “(...) sustentar o discurso analítico na civilização é manter vivo um lugar que permite a construção sobre o desejo. O Discurso Histérico o faz e o Analítico o escuta. E essa escuta analítica é diferente de desmascará-lo” (Brunetto, 2023, p. 171).

Do que o humano é feito? É uma pergunta que venho me fazendo a partir do *Seminário 6* (Lacan, 1959/2016). Andréa dá uma resposta comovente. Ela toma o conceito de codicilo, citado por Lacan. Trago as palavras dela:

Um codicilo, isso que o condenado à morte deixa de indicações sobre seu enterro, suas disposições especiais do que fazer com seus bens, suas roupas, seus objetos de menos valor, que geralmente não estão no testamento. No geral, escrito de próprio punho. Mas de menor valor, segundo o jurídico. Um álbum de foto; os acontecimentos importantes presentificados nos porta-retratos; os desenhos antigos das cidades por onde passou; uma miniatura de um homem feniciano que ganhou de um jovem libanês com o qual conversou em um trem; uma camiseta do Haváí comprada para o irmão, que morreu seis meses depois e, posteriormente, resgatada entre seus pertences; uma rosa ganhada de um homem que amou e colocou para secar dentro de um livro. Esta lá, o livro, como um túmulo de uma rosa seca, eternizando um amor que também já virou pó. São só exemplos que esta autora dá para mostrar que um codicilo não tem valor jurídico algum. Nenhum. Zero. Um conjunto de restos, que sequer estão tatuados na cabeça raspada, como no exemplo que Lacan deu. Estão tatuados na alma, condicionando uma existência. (Brunetto, 2023, pp. 148-149)

No *Seminário 6* (Lacan, 1959/2016), na aula de 11 de fevereiro de 1959, Lacan diz: a fonte fundamental da neurose é não querer que o Outro seja castrado. Na

neurose obsessiva, Andréa traduz isso assim: “Procrastinar, fingindo-se de morto para enganar a morte, é sua forma de manter o Outro sem falta” (Brunetto, 2023, p. 196). Da neurose, conclui: “o Diabo é o inconsciente do neurótico em seu medo atroz de ser um perverso” (Brunetto, 2023, p. 204). E ainda, no capítulo 11: “os neuróticos, que têm um pai, são os enganados, vivem um inferno, obcecados por seu medo da perversão, procurando seus próprios desejos para não os encontrar, vivendo em um labirinto circular. Mas não estão soltos, têm uma estrada principal à qual podem voltar. É o pai” (Brunetto, 2023, p. 205).

Por fim, meu último destaque é o trecho em que Andréa nos diz, com relação ao analista e Lacan: “creio que poucos o seguirão no saber do Real, porque muitos vão ficar no Inferno do sentido” (Brunetto, 2023, p. 229).

Referências bibliográficas

- Brunetto, A. (2023). *O diabo e suas máscaras: a tríade infernal do desejo*. São Paulo: Aller.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959)

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023